

MIGRAÇÃO E SABERES

“ESCUTA COM SABEDORIA
E FALA COM A PRÁTICA”

37ª SEMANA DO MIGRANTE - 12 A 19 DE JUNHO DE 2022

APRESENTAÇÃO

Estimadas equipes, sacerdotes, religiosas ou religiosos, leigos e leigas. A CNBB nos apresenta a Campanha da Fraternidade com o tema “**Fraternidade e Educação**” e lema “**Fala com sabedoria, ensina com amor**” (Pr 31,26). O Santo Padre apresenta e traz para o centro do debate a causa migratória, que, neste momento se torna cada vez mais aguda. Nos 20 pontos para um pacto global sobre migração e refúgio o Papa Francisco nas suas propostas acerca dos 20 pontos para uma migração segura e integral, nos provoca a buscar uma aprendizagem que leve a construção coletiva de uma sociedade que seja cada vez mais inclusiva. Trilhando os caminhos da C.F e da Sinodalidade dentro e fora da Igreja, apresentamos a Semana do Migrante deste ano de 2022, com o tema: “**Migração e Saberes: Escuta com Sabedoria e Fala com a Prática**”.

A Pandemia e demais crises, nos leva a trocar *Crise* por *Crie*, e ao criar ou retomar, deve conduzir a humanidade a refletir e de maneira sistemática mudar de atitude. E é fazendo incidência que devemos pensar em uma migração segura, com proteção, promoção e integração, principalmente, a partir de nosso método do ver, julgar e agir. Por isso, *Escuta com Sabedoria e Fala com a Prática*.

É muito importante destacar que nas palavras do Papa, o apelo, é também para que a Igreja se humanize, pois, há um trabalho de formiguinhas que assumimos pastoralmente, em suas diversas dimensões, e sabemos que ainda há muito por fazer. Assim, devemos beber das culturas e encontrar os processos devidos a cada cenário que encontramos.

TEXTO
BASE



Nesse processo de acolhimento, precisamos ser humildes e reconhecer que juntamos os cacos para auxiliar na reconstrução de vidas desencontradas, mas onde também encontramos uma força inimaginável de quem parece não ter nada e ainda quer e vai compartilhar. Aqui está o cerne do verbo celebrar com os migrantes e refugiados. Celebrar a vida, como uma mística que nasce no Cristo Ressuscitado e se espalha com nossas práticas à luz dos ensinamentos de Paulo Freire : “**Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.**”

D. José Luiz F. Salles - Presidente do SPM

INTRODUÇÃO

Seguindo a prática dos anos anteriores, a Semana do Migrante de 2022, conecta-se com a Campanha da Fraternidade do mesmo ano. Procura, dessa forma, desenvolver a temática da educação sob o enfoque da mobilidade humana e da Pastoral dos Migrantes. Veremos nos parágrafos que seguem como o processo da educação – enriquecimento recíproco de aprendizagem entre o escutar e o falar – depende da experiência de cada existência humana e de cada travessia. Nem precisaria lembrar que o protótipo desse processo amoroso é o próprio Jesus de Nazaré.

Seguidores e seguidoras que somos do nazareno, em sintonia com o Papa Francisco, nos dias atuais nos propomos a colaborar na defesa e na continuidade da construção da nossa Casa Comum, uma inspiração advinda da relação de profunda integração entre todos os elementos do cosmos e, ao mesmo tempo, um dos eixos centrais da proposta de Bem Viver, da fala com a prática, que vem da sabedoria ancestral, como nos alerta o Conselho Indigenista Missionário:

Um dos grandes ensinamentos que os povos indígenas têm nos transmitido, desde tempos imemoriais, é o de saber conviver com a Mãe Terra, dedicando-lhe respeito, amor e profundo zelo. Na visão desses povos, a terra é mais do que simplesmente o lugar onde se vive. Ela é sagrada, é capaz de fazer germinar e de acolher plantas, animais e uma infinidade de seres vivos, além dos humanos, compondo assim ambientes onde a vida frutifica em todo o seu esplendor. Assim sendo, a terra está na base dos saberes e aprendizados do Bem Viver dos povos” (CIMI).

Na escola da vida estamos sempre aprendendo. Nunca paramos de aprender. Até mesmo quando direitos são negados, impedindo a muitos o acesso às condições de cidadania plena, seguimos aprendendo. Isso porque nascemos para a coletividade e aprendemos a partir do nosso estar sendo no mundo.

Também é fácil e, ao mesmo tempo, fundamental constatar que não existem pessoas que ensinam e outras que aprendem. Todos e todas ensinamos e aprendemos. Isso vale para todos e todas, até mesmo aqueles e aquelas que, por diversas circunstâncias da vida, foram e são excluídos do consumo, da vida social, portas da cidadania. Também, o migrante, mesmo quando vulnerabilizado, ensina. E aprende, todo o tempo, o tempo todo. É a aprendizagem que se dá ao longo da vida.

O filósofo e educador Paulo Freire, patrono da educação brasileira difundiu, a partir de suas pesquisas e escritos, a ideia de que a construção do saber se dá na relação dialógica, na qual “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 2019, p. 31).

Em sintonia com o centenário de Paulo Freire (1921–2021), o Serviço Pastoral dos Migrantes – SPM propõe o tema dos saberes para reflexão principal no transcurso da 37ª. Semana do Migrante, enfatizando, através do lema “escuta com sabedoria e fala com a prática”, que o método da escuta segue sendo o caminho para a ação pastoral libertadora, ecoando que a sabedoria emerge da escuta e que o poder de fala só é legítimo quando acompanhado da prática.



O saber popular como estratégia de apropriação do mundo

As discussões sobre os saberes perpassam todo o pensamento freireano, permitindo-nos alargar o olhar para várias direções que poderiam ser consideradas na análise sobre a questão, tendo em vista uma ação pastoral que seja libertadora “com-para-pelo” os migrantes. Em Freire, uma educação comprometida com a emancipação e o processo de libertação dos seres humanos contribui para sua humanização, sob a recomendação de uma ação cultural pautada no diálogo como expressão mais forte da existência humana. O diálogo é, pois, o elemento primordial nos processos educativos que sejam emancipatórios, regidos como prática de liberdade. Fazer surgir essa emancipação requisita a ruptura com os vínculos de “segurança” das certezas de quem tudo sabe, pouco questiona e não enfrenta o medo que acomoda. Essa Pedagogia será para aquele que não teme enfrentar, não teme ouvir,

não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar (FREIRE, 1987, p.14).

Essa dialogicidade, proposta por Freire, traz contribuições inegáveis para nossa ação pastoral. O reconhecimento da importância do diálogo nas situações de aprendizagens repercute positivamente para as formas de conceber e fazer educação e inverte o foco que prioriza o ensino voltado para a aprendizagem. Todavia, não seria qualquer aprendizagem, mas aquela que integra, incondicionalmente, o sujeito e sua realidade contingencial. Isso significa que os processos educativos emancipatórios teriam como primazia a consideração e o respeito à realidade existencial e de vida expressa pelos sujeitos populares no ato de conhecer.

No reencontro com a Pedagogia do Oprimido, através de “Pedagogia da Esperança”, Freire retoma as discussões sobre o caráter político e transformador da educação e, portanto, da prática educativa. Contrapondo-se aos regentes da educação bancária e elitista, defende a ideia de que esta não pode ser vista como mera transferência de um saber maior, classificado como válido, que não leve em consideração aqueles elaborados nas andanças e vivências cotidianas dos migrantes. Partindo em defesa do “saber de experiência feito”, afirma que a ação educativa progressista tem como primazia a problematização da realidade, com vistas ao seu desvelamento e, que, o educador e a educadora, comprometidos em gerar a transformação da realidade de exclusão e em alimentar a esperança de dias melhores, precisam rever seu discurso e modificar suas práticas para que, cada vez mais, o ensinar *ao* possa se transformar em *com* o povo. Nas palavras de Freire: “o educador ou a educadora progressista, ainda quando, às vezes, tenha

de falar *ao* povo, deve ir transformando o *ao* em *com* o povo. E isso implica o respeito ao ‘saber de experiência feito’ de que sempre falo (FREIRE, 2019, p. 14).

Aceitar a condição de sujeito aprendente é banir o plano das puras certezas e correr os riscos de deixar surgir o novo. Para isso, é preciso ter consciência da dimensão de processo, da condição de inconcluso e de inacabado, que marca a existência humana na terra. O respeito à autonomia e à dignidade dos migrantes, como imperativo ético, exige a abertura para a escuta, porquanto só ela poderá favorecer o movimento de vencer o autoritarismo da verticalidade nas relações de quem fala *para* o migrante, propondo uma horizontalidade que fala *com* ele. Essa escuta contribui para a adoção de relações de respeito. Um agente de pastoral consciente disso estará mais atento a ouvir e, junto com os migrantes, elaborar novas perguntas que alarguem o conhecimento que já detêm sobre a realidade dada, visando sua própria emancipação.

Em sua proposta, Freire defende que a relação entre vida e realidade ocorra de forma simultânea e, dinamicamente, integrada. E para que o processo de aprendizagem advenha de uma prática democrática e crítica, será preciso considerar o contexto vivencial dos sujeitos envolvidos nesse processo, trazendo para o espaço reservado à aprendizagem temas significativos, palavras que contextualizem o universo existencial e de vida desses migrantes. Freire adverte-nos, ainda, de que

a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura dessa não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1988, p. 9).



Oficina Warao - Imigrante Warao ensinando pintura indígena para a equipe. Amazonas



Encontro de conscientização sobre autismo. Manaus/AM

Na busca em reconstruir suas vidas e seus sonhos, muitos migrantes constroem saberes fazendo uso de uma inteligência prática adquirida fora dos bancos escolares, não dirigidas e que lhes permitem estabelecer referências que geram oportunidades de vida, muitas vezes, fazendo uso da condição de observadores e seguindo as trilhas de sua intuição.

Outro aspecto destacado por Freire é a consciência da relação de complementaridade dos saberes e do necessário respeito entre elas. Ele nos diz: “Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa” (FREIRE, 1988, p.39). Com isso, destaca, principalmente nos espaços educativos, como os saberes populares, se considerados, podem servir de base para a construção de uma pedagogia democrática, geradora de uma ação cultural para a liberdade.

Na busca em reconstruir suas vidas e seus sonhos, muitos migrantes constroem saberes fazendo uso

de uma inteligência prática adquirida fora dos bancos escolares, não dirigidas e que lhes permitem estabelecer referências que geram oportunidades de vida, muitas vezes, fazendo uso da condição de observadores e seguindo as trilhas de sua intuição. O processo de aprendizagem ao longo da vida tem estabelecido ricas oportunidades para que os sujeitos populares enfrentem os perigos das adversidades e os desafios de recriar os meios de sua existência, cotidianamente. Para tanto, lançam mão de estratégias e elaborações acumuladas em sua bagagem cultural. E mesmo, em muitos casos, sem o domínio do conhecimento formal e até mesmo do idioma do novo país que lhes tocou viver, superam ausências, abrem caminhos e alcançam aprendizagens. Criar táticas, encontrar saídas por meio das quais superem os desafios é algo comum aos migrantes. Quando indagados sobre que estratégias utilizam para realizar um trabalho para o qual não foram preparados, as respostas deixam transparecer que recursos de inteligência, curiosidade e criatividade favorecem aos migrantes, em suas buscas pela concretização da tarefa assumida e de sua aprendizagem. Os depoimentos seguintes ilustram essa assertiva (SILVA, 2013, p. 114):

Eu sempre achei que perguntar não ofende. Aí eu sempre botava o olho nas coisas e perguntava (...). Teve um lugar mesmo que eu trabalhei, saí de lá com nome de papagaio. Até riam quando eu abria a boca e, às vezes quebravam a cara, que nem era para perguntar nada. Eu podia demorar saber, mas quando chegava em mim, não esquecia nunquinha (Antonio Justino, operário da Construção Civil).

E mais:

O trabalho nas cozinhas me ensinou muito. (...) Comida boa, chique, eu nunca nem vi. Mas a gente aprende a perder o medo de errar, vai se domando. (...) Se acostumando com as coisas diferentes. Sempre achei que muita coisa em comida, muita mistura não era bom, sabe? Depois aprendi que tem gosto pra tudo! Tudo mesmo! Aí me dei por vencida e resolvi que só o meu feijão e o arroz era pouco para ficar tantos anos no mesmo lugar. Aí, sabe o que achei? Achei que o gosto e a mistura dos temperos, estava dentro de mim, só precisa acertar (Maria Darc, empregada doméstica).

É por isso que, para Freire, é preciso superar a visão tão comum, mesmo entre os agentes de pastoral, de que os sujeitos das classes populares nada ou pouco conhecem do que se possa valorizar ou que não se percebem como conhecedores. Argumenta, pois, e, não deixa dúvida, sobre o fato de que é preciso que “[...] criamos nos homens oprimidos. Que os vejamos como capazes de pensar certo também. [...] A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo ‘ação cultural’ para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles” (FREIRE, 1987, p. 53, 54).



Painel Paulo Freire. CEFORTEPE - Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional Prof. Milton de Almeida, pintado por Luiz Carlos Cappellano Santos.

Leitura do mundo: vivências e saberes a partir da migração

Para nós a migração, ao propiciar o confronto dos migrantes com novas realidades, acaba por favorecer o processo de aquisição de saberes, cujo impacto dessas vivências tem contribuição relevante para a reconstrução das trajetórias e visões de mundo das pessoas. As marcas deixadas pelos processos migratórios nos sujeitos empobrecidos, em suas andanças, acabam por contribuir para a (re) significação de olhares e para a adoção de modos criativos do seu intervir, individual e, coletivamente, no mundo. No caso específico dos migrantes, os saberes desenvolvidos através da curiosidade, da observação e da experimentação, cultivadas pelo trabalho, favorecem a aquisição de

domínios que lhes têm garantido sobreviver, nos mais diversos e adversos contextos. Trata-se dos “saberes gestados nos processos migratórios”.

Ao retomar as trajetórias de vida de Justino e de Maria Darc, deparamo-nos com as evidências das marcas deixadas pela experiência da migração e identificamos que, apesar das dores e dos temores que causaram, elas deixaram traços de aprendizagem, cujos saberes (re) significaram a visão de mundo dos envolvidos. Constatamos que a migração ajudou Justino e Darc a se elaborarem como membros de uma cultura que levaram consigo, mas



Encontro de saberes. Acre

de forma bastante subjetiva e resolvida. Muitas coisas se fizeram novas, outras ainda ficaram nas veredas abertas no caminho, mas, no final, parece que o mais importante para os dois foram as relações que passaram a construir, como sujeitos relacionais. Percebemos que a migração lhes deu uma visão crítica dos costumes antigos, um sentido do humano mais abrangente, graças ao que assimilaram sobrevivendo à distância de suas origens culturais. Como se posicionam de forma crítica e contundente em relação às descobertas a partir dos processos migratórios, percebem que o reconhecimento dessas “artes de fazer” e de seus praticantes revela uma condição sobremaneira importante para, inclusive, a elaboração de abordagens mais assertivas, que incorporem a

aprendizagem ao longo da vida como um direito e ampliem oportunidades de acesso à cidadania universal.

Nesse sentido, Freire (1980, p. 73), nos adverte sobre as visões limitadas e, por vezes, preconceituosas, adotadas na classificação do saber pelos sujeitos não escolarizados. Esclarece que muitas dessas decisões decorrem da ausência de um conhecimento mais crítico acerca da realidade histórica, econômica, cultural e social dessas pessoas, que os colocam como seres inferiores, incapazes e a margem dos direitos. Questiona, inclusive, o próprio sujeito que, impedido, por diversas vezes, desse processo, também se coloca em condição de marginalizado, de inábil.

Inspirados em Freire, tomamos consciência de que as relações de dependência dos migrantes têm ligação intrínseca com as situações de dominação e exploração a que esses sujeitos foram submetidos e que resultaram em visões de mundo limitadas. Freire, portanto, propõe o enfrentamento e a transformação radicais das estruturas desumanizantes, através da humanização. Nesse processo de libertação, a educação também tem papel preponderante.

Essas evidências nos levam a reconhecer a atualidade e a vivacidade do pensamento freireano, cujas produções alertam para a crescente necessidade de investigações que apontem os alcances dos saberes da prática como formulações de possibilidades dos migrantes se moverem de forma consciente no mundo e (re) criarem a sua existência. Esses migrantes, expressões vivas de inteligência e sensibilidade, detêm uma sabedoria e um conhecimento de mundo que lhes permitem, apesar de toda a opressão, caminhar de modo a fortalecer as dimensões de acesso e elaboração de saberes populares como anúncios de um melhor existir.

Freire, portanto, propõe o enfrentamento e a transformação radicais das estruturas desumanizantes, através da humanização. Nesse processo de libertação, a educação também tem papel preponderante.



Equipe da Pastoral dos Migrantes de Fortaleza/CE

Conclusão



Chegada de migrante na fronteira do Brasil e Venezuela, na cidade de Pacaraima/RR

Os migrantes seguem em frente, em seu vai e vem de esperança, participantes invisibilizados no massacrante cotidiano que os exclui de uma vida de direitos. É o desafio de ser espectador e protagonista do processo histórico em construção. Suas histórias de vida, seus sonhos e suas lutas nos ajudam a perceber que o fenômeno migratório resulta, também, da exclusão social, da falta de perspectivas, da miséria de muitos provocada pela acumulação e pela riqueza de poucos. É por conta disso que não podemos deixar de refletir sobre o lugar que o conhecimento ocupa no processo de democratização das oportunidades e de acesso aos benefícios acumulados socialmente, direito e patrimônio de todos.

A migração, ao possibilitar a inserção dos migrantes em novas e diferentes realidades, oportuniza a esses mesmos sujeitos, aprendizagens e saberes, cujas marcas ampliam oportunidades de um melhor existir em horizontes de incertezas. Para além da dimensão valorativa da migração, precisamos ouvir as vozes dos migrantes e compreender, a partir deles, os elementos que acentuam a injustiça e o que resulta desse processo de sobrevivência que nos permite abrir novas perspectivas para entender por onde passa o enfrentamento das desigualdades sociais que ainda persistem em nosso país. No entanto, reconhecemos que, nos processos migratórios, por meio de um balanço geral entre perdas e danos, pode haver ganhos que resultem em aprendizagens, levando os migrantes a adquirirem vivências significativas e diversificadas, apesar das dores e dos sofrimentos que tiveram que enfrentar em suas andanças.

Em seus relatos os migrantes nos levam a observar que a migração abre caminhos, reaviva a esperança de dias melhores e inaugura estratégias de escapar dos laços certos de opressão, criando mecanismos de resistência, apesar do medo e da incerteza aí presentes. Tenta-se, então, definir táticas assertivas, cujas práticas e gestos representam as astúcias dos fracos no enfrentamento da ordem estabelecida pelos fortes.

Essas reflexões despontam para uma percepção operada pelos migrantes, de um modo de conviver bastante promissor. Em suas sociabilidades, eles mostram que é possível viver com sobriedade e liberdade. Também não é preciso muito, desde que seja com liberdade. Têm-se, aí, matrizes antigas de um modo de viver que essa terra acalentou e que hoje chamamos de “Bem Viver”. Isso é o que, imperiosamente, se desenha para o futuro do planeta e para nós todos, pois o enfrentamento ao sistema opressor, que segue gerando novas vítimas, se dá pelo esforço coletivo de prática da verdade e de defesa da vida, nas identidades compartilhadas, na tolerância multi-étnica enquanto contribuição brasileira e latino-americana para a história mundial. Essa já é uma novidade diante do mundo, já em gestação, anúncio da possibilidade real de um desenvolvimento qualitativo, capaz de efetivamente priorizar a vida humana diante do lucro, afinal, um bilhão de pessoas ainda passa fome no planeta, em pleno século XXI, o que obriga a ação pastoral e militante a seguir apontando a superação desse problema ético, experimentando alternativas, no dia a dia com os empobrecidos.

Os migrantes, em suas descobertas, aprenderam a ter Deus como guia de suas vidas, que os anima e os fortalece em cada tropeço e os ensina a resistir e não desistir, mesmo em cenários obscuros e quando as coisas parecem inatingíveis. Os migrantes, quando de posse de uma visão de conjunto de sua caminhada, fazem valer a intenção da semente! Aí a Pastoral do Migrante, independentemente do que disser e fizer, está presente, pois, é parte do vai e vem da esperança.

Para além da dimensão valorativa da migração, precisamos ouvir as vozes dos migrantes e compreender, a partir deles, os elementos que acentuam a injustiça e o que resulta desse processo de sobrevivência que nos permite abrir novas perspectivas para entender por onde passa o enfrentamento das desigualdades sociais que ainda persistem em nosso país.



Na semana do Migrante, os ensinamentos são diversos, diversos são também os territórios, são também as pessoas, as etnias, as nacionalidades e somos todos Migrantes e refugiados, numa historias de vida, nas ancestralidades diversas e em comum e somos gente, gente :

Gente olha pro céu
Gente quer saber o um
Gente é um lugar
De se perguntar o um
Das estrelas se perguntarem se tantas são
Cada estrela se espanta à própria explosão

Gente é muito bom
Gente deve ser o bom
Tem de se cuidar
De se respeitar o bom
Está certo dizer que estrelas estão no olhar
De alguém que o amor te elegera pra amar

Marina, Bethânia
Dolores, Renata
Leilinha, Suzana, Dedé
Gente viva, brilhando estrelas na noite

Gente quer comer
Gente quer ser feliz
Gente quer respirar ar pelo nariz
Não, meu nego, não traia nunca essa força não
Essa força que mora em seu coração

Gente lavando roupa
Amassando pão
Gente pobre arrancando
A vida com a mão
No coração da mata
Gente quer prosseguir
Quer durar, quer crescer
Gente quer luzir

Rodrigo, Roberto, Caetano
Moreno, Francisco
Gilberto, João
Gente é pra brilhar

Não pra morrer de fome
Gente deste planeta do céu de anil
Gente, não entendo
Gente, nada nos viu
Gente espelho de estrelas
Reflexo do esplendor
Se as estrelas são tantas
Só mesmo o amor

Maurício, Lucila, Gildásio
Ivonete, Agripino
Gracinha, Zezé
Gente espelho da vida
Doce mistério

Vida, doce mistério
Vida, doce mistério

Vida, doce mistério

(Caetano Veloso)



Contribuição: Verônica Pessoa e Arivaldo Sezyshta
Criação/Diagramação/Impressão: Renata Lima - A.N. Gráfica



SPM - SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES
Rua Caiambé, 126 - 04264-060 - Ipiranga
São Paulo - SP - Tel: (11) 2063-7064 (11) 94863-9478
e-mail: spm.nac@terra.com.br
Site: www.spmnacional.org.br
spminforma.blogspot.com



SUGESTÕES OU RECLAMAÇÕES PELO SITE OU E-MAIL: faleconosco@spmnacional.org.br